Master Negative
Storage Number

OCI00047.11

Historia de Paulo e Virginia

Porto

1885

Reel: 47 Title: 11

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number: OCl00047.11

Control Number: BGO-3203
OCLC Number : 25161968
Call Number : W 381.5698 P8381 no. 11
Title : Historia de Paulo e Virginia.
Imprint : Porto : A.R. da Cruz Coutinho, 1885.
Format : 8 p. ; 24 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/30/94
Camera Operator: AR

LIVRARIA DO POVO
N.º 36

HISTORIA
DE
PAULO E VIRGINIA



PORTO — EM CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO
RUA DOS CALDEIREIROS, 18 E 20

1885

HISTORIA DE PAULO E VIRGINIA

Na ladeira oriental do monte que se eleva por detraz de *Porto-Luiz*, na ilha de França, em um terreno antigamente cultivado, veem-se as ruinas de duas pequenas cabanas, situadas no centro de uma enseada, e rodeadas de escarpadas rochas. Na parte esquerda se descobre a montanha — *O morro da descoberta* — e ao pé d'ella a cidade de *Porto-Luiz;* sobre a direita o caminho que vae de *Porto-Luiz* ao arrabalde das *Pamplenusas;* em seguida a igreja d'este nome, que se eleva com suas avenidas de bambus ou canas, e mais além um bosque que se estende até ás extremidades da ilha. Em frente se distingue a bahia do *Sepulchro*, na praia do mar, á direita o cabo *Desgraçado,* e depois do cabo o oceano, onde se veem varias ilhotas, entre ellas a chamada *Mira,* que parece um baluarte no meio das ondas.

Ao pé das cabanas reina o maior silencio, e só se descobrem enormes rochedos, nos quaes crescem grupos d'arvores. Do cimo d'aquelles rochedos, onde se agglomeram as nuvens, descem pequenos regatos que alimentam e engrossam o pequeno rio, chamado de *Lataneiros:* uma aprazivel claridade illumina este recinto cheio d'arvoredo, onde não penetra o sol nem ao meio dia.

No anno de 1726, um joven, natural da Normandia, chamado senhor de la Tour, solicitou, ainda que inutilmente, entrar no serviço do rei de França, e determinou passar a esta ilha com o fim de melhorar a sua sorte. Levou em sua companhia uma formosa joven, com quem se tinha casado secretamente e sem nenhum dote, por ser de familia nobre, e o snr. de la Tour, joven plebeu.

Deixando-a em *Porto-Luiz,* poucos dias depois da sua chegada, embarcou para Madagascar, com o fim de comprar negros e voltar a pôr um estabelecimento. Desembarcou em Madagascar, e pouco tempo depois morreu de uma febre perniciosa; todo o seu espolio foi dissipado, e sua mulher achou-se só em *Porto-Luiz*, sem mais bens que uma negra. Decidida em tão triste situação a não mendigar favores de ninguem, determinou ir com a escrava cultivar uma porção de terreno para adquirir a sua subsistencia. Procurando um asylo, encaminhou-se para umas brenhas, onde encontrou uma boa mulher que havia um anno habitava n'aquelle mesmo sitio, chamada Margarida, natural da Bretanha, filha de uns pobres lavradores, que tinha sido seduzida por um homem com promessas de casamento, que o ingrato não cumpriu, nem quiz dar subsistencia ao innocente que ella tinha nas entranhas.

Tendo perdido a honra retirou-se a este logar, e com um negro, de idade avançada, que tinha adquirido com algum dinheiro emprestado, cultivavam uma porção d'este terreno, e viviam felizes.

Margarida, que estava dando de mamar a seu filho, que se chamava Paulo, alegrou-se de encontrar uma mulher em situação tão parecida com a sua e lhe offereceu a sua cabana e amisade, o que tudo aceitou a snr.ª de la Tour.

Um ancião que vivia legua e meia distante d'alli, logo que soube que Margarida tinha uma amiga, veio visital-a para lhe offerecer os seus serviços, e achou na snr.ª de la Tour uma excellente mulher, que estava em vesperas de ser mãe, e lhe disse que julgava conveniente que partissem entre si todo aquelle valle.

Effectivamente, assim o fizeram, ficando uma e outra contentes com a sua porção. Todavia como a snr.ª de la Tour não tinha habitação, o ancião e o escravo, que se chamava Domingos, fizeram-lhe uma contigua á cabana de Margarida. Apenas tinham feito a cabana, deu á luz a snr.ª de la Tour uma linda menina a que pozeram o nome de Virginia.

Logo que a snr.ª de la Tour convalesceu começaram a tomar incremento aquellas duas possessões com a ajuda do escravo Domingos, que cultivava indifferentemente os dois terrenos, segundo lhe pareciam mais ou menos ferteis, semeando as sementes que lhe eram mais proprias O escravo Domingos casou com Maria, escrava da snr.ª de la Tour, que era agil e trabalhadora, e que era a que ia vender a *Porto-Luiz* os fructos que as duas familias não consumiam. Occupavam-se as duas amigas em fiar algodão, de cujo trabalho auferiam o preciso para ambas as familias, que era muito pouco. Uma religião pura, acompanhada de costumes castos e irreprehensiveis, dirigia seu espirito sobre a vida futura, sua amisade se redobrava á vista de seus dois filhos, fructo de

uns amores igualmente mallogrados. Compraziam-se em laval-os em um mesmo banho, deital-os no mesmo berço, e amamental-os indistinctamente; n'estas occasiões dizia a snr.ª de la Tour á sua amiga: «Cada uma de nós tem dois filhos, e cada um de nossos filhos duas mães.» Outras vezes, reclinadas nos berços de seus filhos, fallavam de seus infortunios; consolavam-se, porém, com a ideia de que aquelles innocentes seriam mais felizes e gozariam os saborosos e puros prazeres do amor conjugal.

Com effeito, nada era comparavel ao carinho que os dois meninos começavam a consagrar-se mutuamente. Se Paulo se queixava ou chorava, apresentavam-lhe Virginia, e elle vendo-a calava-se sorrindo-se. Se Virginia chorava, ouviam-se logo os gritos de Paulo, e aquella amavel menina para que elles cessassem enxugava immediatamente o pranto e soffria em silencio qualquer desprazer para que Paulo não participasse d'elle.

Logo que principiaram a fallar, os primeiros nomes que aprenderam a dar-se foi de irmão e irmã.

Virginia habilitou-se em pouco tempo para governar a casa. Paulo cavava no jardim, ia ao monte com Domingos, e se via alguma flôr ou outra cousa de que gostasse, colhi-a para a trazer a sua irmã. Quando algum estivesse em um sitio, não longe estava o outro.

Todo o seu estudo era amarem-se um ao outro, e ajudarem-se mutuamente; suas mães tinham-nos ensinado a temer e amar a Deus, e veneravam a Divindade na igreja, e em toda a parte. Assim se passou a sua primeira infancia, até chegar o tempo de alliviarem suas mães do trabalho. Virginia apenas cantava o gallo, ia buscar agua a uma fonte visinha e voltava a fazer o almoço: quando nascia o sol passavam Margarida e seu filho á cabana da snr.ª de la Tour, davam graças a Deus, e depois almoçavam sobre a fresca relva.

Os dois jovens cresciam rapidamente: Virginia não tinha mais que doze annos, e sua estatura era mais que mediana, era bella no physico e no moral. Em Paulo descobriam-se já os caracteres de um homem no meio das graças da adolescencia. Sua estatura era mais avantajada que a de Virginia; ainda que buliçoso e em continuo movimento, socegava no instante em que via sua irmã, e ia sentar-se a seu lado.

AUG 15

Um domingo, em que tinham ido as duas mães á missa á igreja de Pamplenusas, apresentou-se a Virginia uma negra tão descarnada, fraca e mutilada, que parecia um esqueleto, quasi núa inteiramente, a qual vinha fugida de seu amo, colono rico das ribeiras do rio Negro, mostrando-lhe seu corpo cheio de cicatrizes dos açoutes que tinha levado. Virginia compadecida lhe deu o seu almoço, e lhe disse: pobresinha, queres guiar-me onde está teu amo? — Sim, lhe respondeu; porém está mui longe. Virginia chamou Paulo e lhe rogou que a acompanhasse. A escrava pôz-se a caminho conduzindo-os por sendas muito fragosas, até que no fim de muito trabalho descobriram uma casa bem construida, e a seu senhor, que andava passeando entre os seus escravos com um látego na mão. Virginia, toda trémula, pediu-lhe por Deus que perdoasse á escrava; prometteu elle fazel-o, não por Deus, porque era mau homem, mas pela formosura de Virginia, que fez signal á escrava para que se approximasse de seu amo. Depois d'isto voltaram á sua cabana, e, cançados de terem andado cinco leguas em jejum, sentaram-se a descansar ao pé de uma arvore, porque Virginia estava desfallecida, e vendo-a d'esta maneira quiz Paulo voltar a pedir ao colono algum alimento, mas Virginia oppôz-se a isso. Então que havemos de fazer? Estas arvores não produzem fructa alguma, e tu estás muito fatigada! «Deus se compadecerá de nós» respondeu Virginia. Apenas tinha dito isto, ouviram o ruido de uma torrente de crystallina agua que saía de um penhasco; correram lá, saciaram a sêde, e andando de um para o outro lado viram uma palmeira cujas tamaras são muito saborosas: era mui difficil subir-se a ella pela sua muita elevação, e o tronco era tão grosso que Paulo teve necessidade de fazer lume com dois paus seccos, como os negros usavam, e queimando o tronco derribou a palmeira com grande estrondo. O fogo serviu tambem para despojar as tamaras das largas folhas em que estavam envolvidas.

Saborearam aquella comida frugal, que lhes serviu de alimento, porém sua alegria era perturbada pelo cuidado com que estariam suas mães. Depois de terem comido quizeram seguir o caminho; mas viram-se embaraçados porque não sabiam por onde deviam caminhar nem tinham a quem perguntar para os guiar; Paulo, porém, que era resoluto, disse que se pozessem a caminho: principiaram a andar e chegaram á margem do rio Negro, que lhes embaraçou o passo. Virginia estava desanimada; Paulo tomando-a sobre os hombros se passou para a outra margem, ainda que com muito trabalho. Quiz continuar assim; porém faltando-lhe as forças teve necessidade de descer Virginia dos hombros e de sentar-se a seu lado

DAMAGED PAGE(S)

para descançar, dizendo-lhe ella: deixa-me aqui, vae tu só, pois que ainda pódes caminhar, e tranquillisa nossas mães. Paulo não annuiu a este pedido, respondendo: que se tivessem de passar alli a noite faria uma cama de folhas.

Tendo descansado Virginia um pouco e porque traziam os pés muito magoados fizeram uns borzeguins das folhas que pendiam de uma arvore, e cortando uma cana de bambu seguiram seu caminho, apoiando Virginia uma das mãos sobre a cana e a outra no hombro de seu irmão. Assim iam caminhando, quando pela espessura do terreno e da altura das arvores perderam de vista a montanha dos tres Peitos, que era o ponto da sua direcção, e o sol estava a chegar ao termo da sua carreira. Tambem perderam o trilho ou carreiro que os guiava, encontrando-se no meio de um bosque, que não tinha saída. Paulo subiu á arvore mais elevada, esperançado que podia ser visto por algum caçador, e principiou a gritar: «Vinde, vinde em soccorro de Virginia!» Os eccos do monte foram os unicos que responderam á sua voz. Desceu da arvore muito descoroçoado e começou a buscar os meios de passar alli a noite; porém, como todos fossem infructuosos, pôz-se a chorar, e Virginia seguiu o seu exemplo, dizendo-lhe: «encommendemos-nos a Deus, Paulo.» Apenas pronnunciou estas palavras, ouviram-se os latidos de um cão que conheceram ser o seu; effectivamente, apresentou-se o fiel Leal a seus pés, fazendo-lhes caricias, e viram Domingos que corria para elles. Logo que os viu, exclamou: «Ah! meus filhos, como estão vossas mães, cheias de tristeza!... Quando chegaram da igreja, aonde as fui acompanhar, ficaram surprehendidas por vos não encontrar em casa. Eu corri tudo em vossa procura; porém em vão, até que tomando a vossa roupa a dei a cheirar a Leal, e o pobre animal conhecendo a minha intenção, foi-me guiando até casa de um colono do rio Negro, que me disse que lhe havieis levado uma negra, a quem por vossos rogos tinha perdoado. Porém, que perdão! alli m'a mostrou atada a um cepo com uma cadêa aos pés e um collar de ferro ao pescoço!

D'alli dirigiu-se Leal pelo caminho que tendes trazido, e n'elle vi uma palmeira recentemente caída, que ainda fumegava. Finalmente, conduziu-me aqui aonde vos encontro, e ainda d'aqui a nossa casa distam quatro leguas. Em seguida deu-lhes alguns manjares que levava. Em quanto os dois tomavam a sua pequena refeição, feriu lume Domingos, e porque era já noite, accendeu um archote feito de um certo pau, que alli ha em abundancia, e que arde como o esparto embreado, para alumiar os tres, porém viu-se embaraçado, porque Paulo e Virginia não podiam dar um passo, porque tinham os pés muito inchados. Vendo-se perplexo, sem saber o que devia fazer, avistou uma quadrilha de escravos negros, fugitivos, a pequena distancia, e acercando-se d'elles o seu maioral lhes disse: «Não vos assusteis, bons meninos, pois sabemos que esta manhã pedistes o perdão de uma escrava a seu mau amo, e em recompensa de tão generosa acção nós vos conduziremos á vossa fazenda nos nossos braços.» Fizeram uma especie d'andas com ramos de arvores; quatro negros os tomaram aos hombros e partiram d'alli, indo Domingos na dianteira com o archote, no meio dos gritos de jubilo de toda a quadrilha. Virginia enternecida disse a Paulo; «Ó meu irmão! nunca Deus deixa sem galardão uma boa acção.»

Chegados pela meia noite ás faldas da montanha, em cujo cimo tinham feito fogueiras, viram suas mães e Maria que lhes saíram ao encontro com tições accesos. D'onde vindes, meus queridos filhos? exclamou a snr.ª de la Tour. Contaram-lhes o que lhes tinha succedido. A snr.ª de la Tour abraçou sua filha, sem poder articular uma palavra, e Margarida, louca de alegria, estreitava Paulo entre os seus braços, dizendo-lhe: «Tambem tu, meu filho, praticaste uma boa acção.»

Assim que chegaram ás suas cabanas deram de comer aos negros, que se retiraram para as selvas, desejando-lhes toda a sorte de prosperidades. Todos os dias eram para esta familia de prazer e paz inalteravel.

Paulo, de idade de 13 annos, era mais robusto e intelligente que os europeus aos 18; aformoseava as immediações das duas cabanas, plantando varias arvores e semeando sementes para o alimento das duas familias: fazia caminhos, tirando as pedras que interceptavam o transito para as suas fazendas, com muito trabalho e com a ajuda de Domingos.

Quando Margarida deu á luz Paulo, semeou um coqueiro da India em uma especie de lagôa, no meio de um prado de relva, para servir de memoria do nascimento de seu filho: a snr.ª de la Tour fez o mesmo com igual intento. Nasceram pois os dois coqueiros: a um deram-lhe o nome de Paulo e ao outro o de Virginia e ambas aquellas arvores se tornaram tão frondosas que faziam pasmo.

Quando chovia passavam o dia todos juntos em casa, occupados, amos e criados, em fazer esteiras e cestos de bambús.

No dia dos annos de suas mães, apesar de

todos os dias serem para elles felizes, faziam bolinhos e rabanadas de mel para se regalarem, praticando varios jogos, com o que muito se devertiam, e distribuindo muitas esmolas.

No meio d'esta felicidade, de que gozavam estes dois jovens, principiou Virginia a experimentar successivamente uma especie de melancolia: sua mãe andava muito penalisada do mal de sua filha, e lhe dizia: «Dirige-te a Deus que é quem dispõe a seu arbitrio da saude e da vida dos mortaes.»

Os vapores do oceano, em um dia que fazia excessivo calor, tornando-se em nuvens cobriram os montes e occultaram os raios solares, como um vasto guarda-sol. Os cimos dos montes cobertos d'estes negros vapores despediam de si medonhos relampagos, que eram seguidos pelo ribombo do trovão; depois começaram a caír torrentes de agua, como se de par em par se tivessem aberto as cataratas do céo. As torrentes espumosas caíam precipitadas das quebradas dos montes com impeto sobre as suas cabanas, levando comsigo tumultuosamente arvores, terras e penhascos.

Toda a familia, cheia de terror, se encommendava a Deus: parecia que as cabanas não podiam escapar ao impulso das aguas. O intrepido Paulo andava com Domingos de cabana em cabana segurando aqui uma viga, e fixando alli uma estaca; até que proximo da noite serenou o tempo um pouco. A primeira cousa que Virginia fez foi ir vêr os seus coqueiros, que estavam intactos, apesar da torrente ter arrastado comsigo todas as arvores que lhe estavam proximas. Á vista de tanta desolação, disse Virginia a Paulo: «Vês como o furacão tirou a vida aos passarinhos que trouxestes para aqui, e como destruiu o jardim feito por tuas mãos: n'esta vida não ha cousa nenhuma que não esteja condemnada a perecer; só são immutaveis as do céo.» — «Que não fizera eu para poder offerecer-te, respondeu Paulo, alguma cousa do céo! Porém, sou tão pobre, que nem sequer te posso dar a menor prenda de valor da terra.» — «Bem o sei, replicou ella, corando, mas tens a effigie de S. Paulo.» Ainda não tinha terminado e já Paulo corria para casa a procurar o retrato do santo, que lhe deu. Era uma miniatura que representava S. Paulo, primeiro eremita, a quem Margarida professava particular devoção.

Passado algum tempo pensaram as duas mães em casal-os: a snr.ª de la Tour addiou, po[...] esse pensamento, dizendo: «São jovens [...], e pobres; dentro em pouco faremos que [...] vá ás Indias por algum tempo para [...]r pelo commercio algum dinheiro com que possa comprar alguns escravos.» Consultaram o seu velho visinho, que foi d'esta opinião, e a quem encarregaram de dizer a Paulo o seu projecto, e de solicitar do governador o respectivo passaporte. Effectivamente disseram a Paulo a sua intenção, porém qual foi a sua surpreza quando viram que elle não queria seguir aquelle projecto, allegando que se succedesse alguma desgraça durante a sua ausencia, particularmente a Virginia, que andava triste e desassocegada, como havia de soccorrel-a?

A snr.ª de la Tour tinha em França uma tia rica, velha e solteira, que não quiz soccorrel-a quando se casou secretamente, e a quem não teria reccorrido ainda que se visse reduzida á ultima miseria; porém desde que foi mãe não temeu o desgosto de ser desattendida.

Escreveu a sua tia narrando-lhe a sua desgraça, e noticiando-lhe o nascimento de sua filha; e não teve resposta; escrevia sempre que tinha occasião para o fazer, a fim de excitar a sua compaixão em favor de Virginia; nunca recebeu resposta.

Foi n'esta occasião que a snr.ª de la Tour recebeu uma carta de sua tia, em que lhe dizia que voltasse a França, ou pelo menos que lhe mandasse sua filha Virginia, porque queria dar-lhe uma boa educação, com o que tiveram grande pesar.

No dia seguinte apresentou-se o snr. de Bourdenais, governador da ilha, e viu a pobreza em que estava aquella familia. Disse que sua tia lhe mandava dizer que fossem para França, ao que a snr.ª de la Tour resistiu, desculpando-se com o seus achaques, que não lhe permittiam emprehender uma viagem tão longa como perigosa. O governador replicou que visto ella não poder ir tinha de mandar Virginia, e dando-lhe uma bolsa de dinheiro que levava, lhe disse: «Aqui tendes esse dinheiro, que vossa tia vos manda entregar para empregardes nos preparativos da viagem de vossa filha.»

Convidaram o governador para o almoço. Ficou este encantado da frugalidade dos manjares, da sensatez dos seus hospedes, e das suas conversações, tão modestas como agradaveis.

Terminado o almoço, o governador voltou para *Porto-Luiz,* perguntando em que dia podia mandar buscar Virginia, o que a snr.ª de la Tour deixou á sua escolha.

Como a snr.ª de la Tour não desgostasse de encontrar uma occasião em que podésse separar por algum tempo os dois jovens para lhe

proporcionar no futuro uma felicidade mutua, chamou á parte sua filha e fallou-lhe do modo seguinte:

«Virginia, bem vês que os nossos criados são velhos, que Paulo é muito moço ainda, que sua mãe está velha, e que eu estou muito enferma: que seria de ti entre estas brenhas se eu chegasse a morrer? vêr-te-ias obrigada a trabalhar continuamente na terra para ganhar o sustento necessario.»

A isto respondeu Virginia: «Deus condemnou-nos ao trabalho, e vós, minha mãe, tendes-me ensinado a trabalhar, e a bemdizel-o cada dia; assim, pois, não é possivel resolver-me a deixar-vos.» Sua mãe lhe disse. «Que era com o fim de na sua volta casal-a com Paulo, pois que assim seriam ditosos, mas não agora, porque eram ainda muito jovens.» Vendo Virginia a confiança que merecia a sua mãe, não teve difficuldade em abrir-lhe o seu coração, declarando-lhe sem disfarce a inclinação, até então secreta, de sua alma.

N'esta occasião entrou o confessor da snr.ª de la Tour, que vinha persuadil-a da parte do governador, que consentisse na ida de sua filha Virginia para França sem mais demora, visto ella não poder emprehender a viagem, ao que ella annuiu. Vendo Paulo as conversações secretas que a snr.ª de la Tour tinha com sua filha, entregue aos impulsos de tristeza, e penalisado, dizia: «Alguma cousa se trata a meu respeito, visto que tanto se recatam de que eu as ouça.»

Assim que correu a noticia de que a fortuna tinha visitado aquella familia, vieram muitos mercadores offerecer as suas fazendas: Virginia comprou bastantes cousas, porém tudo para suas mães e criados, para ella pouco ou quasi nada.

N'uma deliciosa noite em que a lua illuminava toda a ilha, depois de terem ceado, Virginia que, como todos os outros, não tinha proferido uma palavra durante a ceia, foi a primeira que se levantou e se dirigiu para um sitio muito agradavel para onde Paulo a seguiu sem dizer palavra.

Passeando Virginia a vista pelo horisonte, avistou á entrada do porto uma luz e uma sombra, era o pharol e o navio em que tinha de partir para a Europa, o que serviu de a entristecer mais. Encetaram então uma conversação, em que Paulo lhe disse: «Aonde irás que te aches melhor que aqui em nossa companhia? Assim que chegares a França, á força de estar entre a grandeza te farás orgulhosa, casar-te-has, e teu irmão Paulo será por ti olvidado.» A isto respondeu Virginia, dizendo-lhe: «Não penses tão mal de mim; se por ventura te deixo é por obedecer a minha mãe e cumprir com o meu dever.» — «Ah! Virginia, permitte, já que não pódes deixar de partir, que eu vá no mesmo navio em que tu fores, já que buscas outra sorte melhor em paiz estrangeiro e outros bens que não te podem dar o meu trabalho.» — «Tu és a causa da minha partida...» exclamou ella, e não pôde continuar: as lagrimas e os soluços lhe embargaram a voz. Paulo desesperado, disse-lhe que a seguiria até onde quer que fosse, que a livraria de qualquer peralvilho de França, que não consentiria nem que olhassem para ella.

As mães que estavam escutando a conversação atraz de umas sarças, se arrojaram nos seus braços, passando-se alli a scena mais triste e dolorosa que se possa imaginar. Paulo, com a lembrança da proxima separação sentiu um accesso de cólera até que Virginia chamou por elle, dizendo-lhe que sempre viveria para elle. Com estas poucas palavras passou-lhe então a furia, como o ar que dissipa o fumo, offerecendo-se as duas mães a irem no dia seguinte a casa do governador dizer-lhe que Virginia já não partia, que deixasse repousar a familia e fosse passar a noite á cabana do visinho, porque já era mais de meia noite. Accedeu Paulo, sem a menor repugnancia, e depois de uma noite muito agitada, levantou-se ao raiar d'alva e se dirigiu para sua casa. A primeira pessoa que viu foi Maria, que estava chorando sobre um penhasco, olhando para o alto mar. Assim que a viu começou a gritar: «Maria! Maria! onde está Virginia?» Adivinhando Paulo o que tinha succedido, immediatamente se dirigiu ao porto, onde lhe disseram que Virginia tinha embarcado antes de raiar o dia, e que o navio já tinha saído a bahia. Com tão inesperada noticia saíu d'alli desesperado, atravessando todo o caminho sem fallar a pessoa alguma.

Dirigiu-se a uma altura, d'onde avistou o navio que conduzia Virginia, e alli esteve todo o dia até que o perdeu de vista.

Voltou para sua casa, e ao vêr a snr.ª de la Tour queixou-se e lamentou-se de o terem enganado, ao que ella respondeu que o governador lhe tinha levado sua filha á força. As duas mães choravam amargamente a falta de Virginia, e Paulo estava desesperado, porque nem lhe tinham permittido despedir-se d'ella.

Tudo lhe parecia triste e lugubre desde a partida de Virginia: sua mãe e a snr.ª [illegible] Tour valiam-se das expressões mais te[illegible] affectuosas para que a sua dôr não dege[illegible] em desesperação, dando-lhe a snr.ª d[illegible]

os nomes mais proprios para infundir-lhe animo, chegando a chamar-lhe seu terno filho e a dar-lhe outros titulos que lhe eram agradaveis, com o que conseguiu que elle tomasse algum alimento, por que já havia alguns dias que não tinha comido.

Depois de ter decorrido anno e meio sem terem noticias de Virginia, receberam uma carta escripta de seu proprio punho, e pela sua leitura viram que ella era infeliz, apesar da dissimulação com que estava escripta, ficando Paulo admirado de que fallasse em todos e até no proprio cão e não dissesse uma palavra a seu respeito.

O individuo que foi portador da carta de Virginia assegurava que ella ia casar-se com um senhor da côrte. Paulo ao principio não fez caso de semelhantes rumores; porém como todos os colonos da ilha o dissessem, chegou a acredital-o, o que fez com que se augmentasse a sua tristeza. Fazia exclamações e caía em um desfallecimento medonho. Saíndo d'este estado de torpor repentinamente exclamava: «Torna, Virginia, torna para o paiz onde nasceste; abandona os palacios, o fausto, e a grandeza: volta a estas brenhas a gozar a sombra d'estas florestas em que passaste a tua infancia.» Depois ficava mais socegado com a esperança de tornar a vêr Virginia.

Passados alguns mezes levantou-se Paulo uma manhã ao raiar do dia e vendo tremular uma bandeira branca em uma embarcação, dirigiu-se ao porto afim de vêr se obtinha alguma noticia de Virginia: effectivamente entre outras trazia uma carta para a snr.ª de la Tour. Recebeu a carta com muita alegria e assim que avistou a sua familia lhe apresentou a carta em que Virginia dizia que tinha sido maltratada, e que por tanto ia regressar ao solo que tão caro lhe era, e onde estavam as pessoas a quem mais queria n'este mundo: que já estaria na sua companhia se o capitão do navio tivesse permittido abordar a elle uma lancha: mas que a sua chegada teria logar no dia seguinte áquelle em que recebessem aquella carta.

Feita a leitura d'esta carta a familia começou a gritar: «Vem ahi Virginia! Vem ahi Virginia, que está a chegar.» Seriam 10 horas da noite quando saíram Paulo e Domingos para [illegible]speral-a. Fazia um calor excessivo, a lua, que [illegible]bava de apparecer, tinha a côr de fogo e [illegible]a circumdada por tres circulos negros. [illegible]tou-se um temeroso temporal de chuva, [illegible], relampagos e raios, que aterravam a [illegible]natureza; d'ahi a pouco ouviram os ti[illegible]m navio que pedia soccorro. Á meia [illegible]ram os tiros, parecendo aquelle silencio mais horroroso ainda que a tempestade. Continuando o seu caminho encontraram uma fogueira em volta da qual esperava o dia muita gente. Alli ficaram tambem e ao raiar o dia não poderam descobrir nenhum objecto, por que o dia estava tão tenebroso e escuro, que se não descobria mais que o extremo da praia aonde elles estavam.

D'alli a pouco tempo chegou o governador com tropa e mandou fazer uma descarga, ouvindo-se no mar um alarido acompanhado de um tiro, e em seguida viram o navio que estava perto. Pouco tempo depois ouviu-se um ruido horrivel no mar, e todos disseram a uma voz: «Um furacão! um furacão!» O mar embravecido pelo vento, não era mais que um vasto campo de escumas brancas, cercado de negras e profundas ondas. Viam continuamente desprender-se do horisonte nuvens de um aspecto horrivel, e não se distinguia senão uma luz funebre e pavorosa.

O navio que não governava já, porque lhe faltava o leme, e só tinha uma unica vela, por se terem partido os outros mastros, foi de encontro ás penhas da praia e alli se fez pedaços. Paulo arrojou-se á agua, e se encaminhou para o navio, ora nadando, ora agarrando-se ás rochas da praia. Toda a tripulação se precipitava em tropel ao mar; uns sobre pipas e outros sobre tabuas. Via-se na pôpa do navio uma joven com os braços estendidos; era a infeliz Virginia, que conheceu logo Paulo pela sua intrepidez e denodo. Todos os marinheiros se tinham deitado á agua, excepto um que tentava salvar Virginia, dizendo-lhe que se despisse, que só assim a poderia salvar, arrojando-se com elle ao mar, ao que ella não quiz annuir. Vindo, porém, n'essa occasião uma grande vaga sobre o navio, Virginia levantando os olhos para o céo desappareceu envolta em uma montanha de agua que se levantou bramindo contra o navio. Oh! dia espantoso! foi tudo submergido. Domingos retirou Paulo do mar, privado dos sentidos e lançando sangue pela bôca e pelos olhos: o governador mandou entregar Paulo aos cuidados dos cirurgiões. Algumas pessoas foram procurar a snr.ª de la Tour para a prepararem para receber a noticia da morte de sua filha, com receio de que succedesse outro infortunio se por ventura o soubesse repentinamente.

Entre os despojos do navio, que o mar arrojou á praia, appareceu o cadaver da infeliz Virginia, meio enterrado na arêa, tendo uma mão sobre a roupa e a outra sobre o coração; onde tinha o retrato de S. Paulo, que tinha promettido não deixar até á morte. O corpo de

Virginia foi enterrado na igreja das Pamplenusas com a maior solemnidade. Paulo, no espaço de oito dias, não cessou de andar de uma para outra parte correndo os logares aonde tinha vivido e estado com a companheira da sua infancia, onde derramava lagrimas de afflicção; e os eccos que tantas vezes tinham repetido os gritos communs de sua mutua alegria, não repetiam agora mais que estes lamentos dolorosos: «Virginia!... amada Virginia!» Sua saude se deteriorou de momento a momento, apesar de o distrahirem, levando-o a differentes logares, onde não se divisava cousa alguma que podésse excitar em Paulo a memoria de Virginia. Nada o distrahia, tudo para elle era triste, vivia na maior desesperação, desejoso de juntar-se á sua amada Virginia; e com effeito Paulo morreu dois mezes depois da morte da sua amada companheira, cujo nome não cessava de pronunciar. Margarida falleceu 8 dias depois de seu filho. A snr.ª de la Tour, Domingos e Maria tambem morreram em breve tempo, em seguida a Margarida, não cessando a snr.ª de la Tour, até que morreu, de pedir a Deus que perdoasse a sua tia por ter sido a causa de tantas desgraças. Paulo foi enterrado ao lado de Virginia, e ao pé d'elles as duas mães e os criados, e por isso ficaram chamando aquelle sitio o campo do Sepulchro.

Sobre suas humildes sepulturas não se elevaram inscripções em honra de suas virtudes; porém em logar d'estes vãos apparatos, ficou indelevel a sua memoria nos corações d'aquelles a quem tinham obrigado com os seus beneficios. Suas sombras não precisam do esplendor de que eram dignos quando vivos, preferem pelo contrario, andar errantes debaixo das telhas dos humildes tectos das cabanas, onde habita a virtude laboriosa, consolando a pobresa, não satisfeita com a sua sorte, e inspirando a todos o gosto dos bens naturaes, o amor ao trabalho e o temor ás riquezas.

O povo deu diversos titulos a alguns logares d'esta ilha, que eternisaram a morte de Virginia. Perto da ilhota de Ambar, no meio dos recifes, existe um sitio a que o povo chama S. Gerardo, nome do navio que naufragou e que conduzia Virginia de França; á entrada d'aquella larga ponta de terra que se distingue a tres leguas, meia coberta com as ondas do mar. e que o S. Gerardo não pôde dobrar na vespera do furacão para entrar no porto, chama-se o cabo Desgraçado; e alli, defronte dos confins do valle, vê-se a bahia do Sepulchro, onde se encontrou entre a arêa o cadaver de Virginia, como se o mar tivesse querido restituil-a á sua familia e tributar as ultimas homenagens ao seu pudor nas mesmas praias que ella havia honrado com a innocencia da sua vida.

Foi este o fim de uma familia tão virtuosa, de jovens tão ternamente unidos! de mães desgraçadas! de familias amadas! Aquelles bosques que lhes davam sombra, as fontes que manavam para elles, aquelles outeiros aonde repousavam juntos, choram tel-os perdido. Desde aquella fatal época ninguem mais se atreveu a cultivar aquella terra desolada, nem a reedificar as humildes cabanas. As cabras domesticas fizeram-se bravias; os vergeis desappareceram; os passaros fugiram, e só se ouvem os guinchos dos gaviões e aves de rapina, que voltejam em torno d'aquelle recinto de penhascos.

FIM.